

Formação Humana e Rinocerontite

Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana
Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

Em 1959, Eugène Ionesco escreve a peça *O Rinoceronte*. A obra é surpreendente, não apenas para os leitores como também para as próprias personagens de uma pequena cidade francesa, que se veem aterrorizadas com o aparecimento de um rinoceronte desgovernado, às soltas pelas ruas, provocando nos habitantes locais as mais diversas reações: o que é? De onde veio? Para onde vai? De um corno ou dois? É perigoso?

As questões sem respostas passaram a povoar o imaginário social daquela pacata cidade. E ali onde quase não se tinha assunto para longas conversas cedeu lugar ao conteúdo preferido dos amigos na mesa de bar e dos amantes no leito matrimonial. A trama se desenvolve em três atos e é curioso observar como as personagens espantadas vão, cada vez mais, resignando-se e aceitando o grande mamífero como parte do vilarejo, numa espécie de adesão sem maiores questionamentos, ao passo que todos assistiam ao crescimento exponencial dos bichinhos. De repente, o leitor dá-se conta de que os próprios habitantes da cidade eram os rinocerontes e muitos foram rápido e facilmente contaminados pela rinocerontite, de maneira quase inexorável. Mais espantoso é saber que restou um casal que discute a própria transformação. A mulher não resiste e se entrega àquele vírus e, em seguida, o homem decide fazer o mesmo. Relutante e ainda alucinado pela contaminação, ele encontra dentro de si um lampejo de lucidez que o faz perguntar: por que? Finalmente, a decisão de resistir.

A apressada descrição da peça de Ionesco serve de metáfora para uma breve análise da época do conformismo generalizado e das ideias totalitárias que presenciávamos, atualmente, na política, na ciência e no trabalho, e o papel da formação. Foi preocupante observarmos, recentemente na política, a sociedade brasileira, cuja diversidade, multiplicidade e diferença saltam aos olhos, tratar as opiniões divergentes como um retrato em preto e branco. Uma espécie de escolha maniqueísta, na qual restavam apenas duas opções. É evidente que pensamos de maneira diferente.

Contudo, de modo geral, nossas opiniões divergentes estabeleceram poucas chances de convivência e aparição no espaço público, por medo do julgamento e crítica do outro. Na maioria dos eventos acadêmicos que abordam temas de grande relevância contemporânea, o fato mais comum é observarmos uma relativa homogeneidade do público que, na maioria das vezes, pede a palavra para sintomaticamente dizer “eu concordo com quase tudo que foi dito aqui”, e poucos são aqueles corajosamente motivados a expressar algo diferente do que está sendo debatido.

A maior estranheza, nesse contexto, no entanto, é o susto, para não dizer indignação, da plateia que assiste incomodada e com desprezo a qualquer opinião contrária ao que está sendo posto. Ao invés de agirmos como sujeitos que pensam de maneira diferente e faz a crítica tão necessária ao desenvolvimento humano, optamos por concordar com o que está sendo dito, de modo a complementar as ideias em circulação, quando não preferimos o silêncio.

A provocação toca em uma espécie de tendência que insidiosamente revela os aspectos que temos em comum quando deveríamos tratar, de fato, das nossas diferenças. Parece que estamos refazendo o referencial que distingue o bem do mal, o certo do errado, o verdadeiro do falso e, ao mesmo tempo, perdemos a coragem de falar seriamente sobre isso. Numa época de críticas às narrativas universais e glória aos feitos cotidianos, a vida social ganhou parâmetros mais elásticos sobre o que ela própria seja (essa elasticidade é bem-vinda), sem dimensionar o perigo dessa prática, por não se ter modelo algum, ou como se diz comumente, para cada um ter seu próprio parâmetro, destruindo qualquer possibilidade de julgamento das ações.

No que diz respeito à formação humana, para além ou aquém da falta de modelos sobre os quais podemos nos espelhar e nos inspirar, o risco do pensamento único é matar aquilo pelo qual a democracia tem mais interesse: o pensamento divergente, o debate de ideias, o apreço pela diferença. De maneira paradoxal, queremos formar pessoas que pensam de maneira diferente, plural, quando na verdade, o que fazemos é aceitar somente aqueles que pensam do mesmo modo que nós, preferencialmente, com os mesmos autores, ideias, argumentos, conceitos, teorias.

Quando falamos em formação crítica, um bom exercício para realizá-la é começarmos com um inventário a respeito de nossas próprias práticas, pois a crítica é útil quando dirigida aos outros, mas especialmente necessária quando voltada para nós mesmos. A crítica e a autocrítica são o remédio mais antigo e também o mais eficaz para combater toda forma de pensamento autoritário e de conformismo generalizado, quer sejam totalitários ou relativos.

Se não examinamos nossas ações, se não nos interrogamos sobre o que estamos fazendo, agimos de forma condenada, tal e qual os rinocerontes, descritos na ficção por Eugène Ionesco. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.